

**Espiritismo no Lar dos Humildes:
uma abordagem organizacional, cultural e antropológica
do corpo e do trabalho em reuniões mediúnicas em um
centro espírita de Fortaleza-Ceará**

Spiritism in the Home of the Humble:
an organizational, cultural and anthropological approach to
the body and work in mediumistic meetings in a
spiritist center in Fortaleza-Ceará

*Carlos Kleber Saraiva de Sousa¹
Valdenia Maria Lima Leandro Saraiva²*

Resumo

Este artigo amálgama temas pertinentes as ciências da antropologia, do espiritismo e das organizações, notadamente a cultura, o corpo e o trabalho mediúnico. O objetivo geral foi analisar a divisão de tarefas em reuniões mediúnicas, bem como a administração do corpo humano no Centro Espírita Lar dos Humildes, localizado na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará. Para desenvolvê-lo foi utilizado o método etnográfico, a partir do qual foram realizadas e registradas 12 entrevistas semiestruturadas, observação participantes em diversos ambientes e setores do lugar, capturas de imagens paradas e em movimento. A etnografia percorreu o período compreendido entre os meses de julho e dezembro de 2019. Esta pesquisa proporcionou o encontro dos seguintes resultados: 1) descobrimos que a divisão dos trabalhos em reuniões mediúnicas possui aspectos heterodoxos e contingenciais e 2) percebemos que a ordeira e regular administração do corpo humano, acarreta um aprimoramento espiritual em dois campos: o moral e o intelectual. A pesquisa oferece importante contribuição conceitual e teórica para as áreas de estudos organizacionais e socioantropológicos, sobretudo porque relaciona fenômenos espirituais, socioculturais e administrativos, sob a abordagem etnográfica e, com efeito, ampliando a abordagem reflexiva e metodológica de fenômenos espirituais.

Palavras-chave: Antropologia; Trabalho; Espiritismo; Cultura; Etnografia.

¹ Doutor em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Ceará, Brasil. Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará – UFC. Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia PPGA UFCE/UNILAB.

E-mail: klebersaraiva@ufc.br

² Mestre em Administração, Universidade Estadual do Ceará, Ceará, Brasil. Professora Adjunta da UNINASSAU. E-mail: valeniasaraiva@gmail.com

Abstract

This article amalgamates themes pertinent to the sciences of anthropology, spiritism and organizations, notably culture, the body and mediumistic work. The general objective was to analyze the division of tasks in mediumship meetings, as well as the administration of the human body in the Spiritist Center Lar dos Humildes, located in the city of Fortaleza, in the state of Ceará. To develop it, the ethnographic method was used, from which 12 semi-structured interviews were carried out and recorded, observation of participants in different environments and sectors of the place, capture of still and moving images. The ethnography covered the period between July and December 2019. This research provided the following results: 1) we discovered that the division of work in mediumistic meetings has heterodox and contingent aspects and 2) we realized that the orderly and regular administration of the human body entails a spiritual improvement in two fields: the moral and the intellectual. The research offers an important conceptual and theoretical contribution to the areas of organizational and socio-anthropological studies, mainly because it relates spiritual, socio-cultural and administrative phenomena, under the ethnographic approach and, in effect, expanding the reflective and methodological approach of spiritual phenomena.

Keywords: Anthropology; Work; Spiritism; Culture; Ethnography.

Introdução

As organizações³ podem ser compreendidas como ordens regulares de gestão que solicitam diferentes e múltiplos tipos e quantidades de recursos humanos, materiais, virtuais, comunicacionais, entre outros, com o intuito de alcançar determinadas finalidades. Adiciona-se a essa significação conceitual de organização, os seus exemplos e qualidades normativas que podem circunscrever o setor público, o privado, o misto (público-privada), as organizações não governamentais, as religiões, as associações sindicais e comunitárias etc. (ROBBINS, 2010, p. 03; CLEGG et al 2007, p. 29-54; HALL, 2004, p. 1-25).

³ Informa-se que o termo organização poderá ser substituído ao longo deste artigo por palavras ou expressões com significado aproximado como: “sociedade normativa”, “empresa”, “organismos”, instituição, “entidade”, “órgão”, “corporação”, “companhia” e “fundação”.

À vista disso, as sociedades normativas têm renovados seus significados historicamente e apresentam um caleidoscópio de sentidos rígidos ou flexíveis, complementares ou divergentes, a depender da escola teórica utilizada. Nesse sentido, a pluralidade reflexiva de definições em torno das organizações, evidencia profundas, largas e complexas relações de fenômenos e organizações passíveis de serem pautadas, estudadas e pesquisadas (MORGAN, 2010, p. 15-20; HODGE, ANTHONY, GALES, 1996 p. 22-35).

Diante desse contexto multiforme de saberes, práticas e sentidos organizacionais passíveis de estudo e pesquisa, optamos por refletir sobre certos temas e práticas que enlaçam alguns significados do conceito de organização e de cultura, em associação com aspectos normativos do Espiritismo, tendo como campo empírico de análise, o Centro Espírita Lar dos Humildes - CELH, em Fortaleza-Ceará. Com efeito, o *objetivo geral* desta investigação é realizar uma análise organizacional e cultural das reuniões mediúnicas e da administração do corpo no Espiritismo. Os *objetivos específicos* que sublinhamos são: 1) fazer uma etnografia da citada organização espírita; 2) refletir sobre os significados organizacionais e culturais da divisão do trabalho mediúnico; 3) analisar a administração do corpo a partir das narrativas de membros espíritas do CEHL.

1. A tríade argumentativa do Espiritismo

A Doutrina Espírita se tornou pública e sistematicamente organizada em 1857, em Paris - França, por meio da obra inicial denominada “Livro dos Espíritos”, escrita pelo professor Hippolyte Léon Denizart Rivail, autodenominado Allan Kardec. Na sequência, o autor publicou outras quatro obras essenciais do espiritismo que formam seus pilares: O “livro dos médiuns” (1861); “O evangelho segundo o espiritismo” (1864); “O céu e o inferno” (1865); “A gênese” (1868).⁴ Esse conjunto amplo e profundo de informações e

⁴ Além dessas cinco obras basilares do Espiritismo, Allan Kardec publicou 12 volumes da Revista Espírita no período de 1858 até 1869 e mais uma introdução a doutrina, denominada de “O que é Espiritismo?”, em 1859.

ponderações advindas de centenas comunicações espirituais, apresentadas por quase 1000 médiuns em múltiplos países, sustentam sua tríade argumentativa, a saber: *a ciência, a filosofia e a religião*. (ROCHA, 2009, p. 35-45).

No que é aludido a aspectos da *ciência*, o Espiritismo mantém princípios e relações com instrumentos, técnicas e abordagens do método científico, na medida em que, ao selecionar os acontecimentos espirituais com o objetivo central de estudo, alarga e aprofunda a pesquisa sobre esses fenômenos, amparando-se em profunda revisão bibliográfica, observações rigorosas e regulares, indagações críticas e salutares, hipóteses respaldadas na realidade, comparações de fenômenos, experimentos, verificações, comprovações e suas respectivas conclusões, que podem ser plenas ou aproximativas em relação aos eventos espirituais estudados e pesquisados. À vista disso, o conhecimento sistematizado e apontado pelo espiritismo é decorrente de um lógico raciocínio indutivo que compreende os fenômenos espirituais elencados para estudo, como pares reais dos fatos naturais ou socioculturais, evidentemente, com suas respectivas particularidades técnicas e metodológicas. Por conseguinte, as informações, ideias, explicações e/ou eventos evidenciados como inerentes ou consequentes do plano ou mundo espiritual, necessitarão ser submetidos à racionalidade científica, seus métodos e técnicas rigorosos, para ter o seu conteúdo e/ou forma, demonstrados como espiritualmente reais (KARDEC, 2009a, p. 109-120).

Naquilo que circunscreve a *filosofia*, a doutrina se evidencia na constante atividade racional, coerente e intelectual de a todo momento pretender se informar e conhecer com densidade, os fatos que sublinhou para estudo e pesquisa, entre os quais podemos destacar: os espíritos de pessoas desencarnadas e suas relações e múltiplas comunicações no plano espiritual, bem como suas amálgamas com a existência individual, grupal, comunitária ou societária terrena. De maneira mais específica, a característica filosófica do espiritismo circunscreve os exames, os questionamentos e entendimento racionais de fenômenos que envolvem, por exemplo: a gênese do espírito humano; como ele

crece, amadurece e se desenvolve plenamente; suas associações com outros espíritos e com valores sociais e espirituais voltados para o bem comum, e também a ausência desses valores; seus limites e possibilidade de desenvolvimento moral, ético e intelectual; seus destinos terrenos e espirituais e tantas outras temáticas que são estudadas e pesquisadas pelo que pode ser nomeado de curiosidade racionalizada, que intenta conhecer mais e melhor: a filosofia. (KARDEC, 2010a, p. 23-60).

No que concerne a *religião*, a Doutrina Espírita organiza princípios morais e valorativos assemelhados a dadas ordens religiosas, como, por exemplo, o acreditar no plano espiritual, na existência do espírito, da alma, na vida após a “morte”, em Deus. Nada obstante, há múltiplos elementos que as religiões mantêm e reproduzem ao longo do tempo, que o Espiritismo não inclui em seus princípios e ações. Entre esses elementos sublinhamos os rituais institucionais ou convencionais do batismo, da crisma, do casamento, da extrema unção, da confissão, dos cultos e missas ordinárias, das indumentárias e objetos sagrados, da hierarquia institucional entre pessoas e cargos, da identificação com templos sagrados, da relevância das procissões etc. Noutra direção, os valores, a moralidade e práticas generosamente desinteressados, que transpassam e pertencem à algumas ordens religiosas, também são percebidos no Espiritismo, notadamente, os aspectos que entrelaçam ideias, sentimentos e atividades encaminhadas para o bem comum, fraternidade humanitária, compaixão e justiça. (KARDEC, 2010b, p. 60-66).

2. Conceituações de trabalho, cultura e etnografia.

O trabalho e suas funções e segmentações podem ser pensado sobre diversas perspectivas teóricas e metodológicas. Não obstante, para compreendermos as atividades laborais na Casa Espírita Lar dos Humildes, optamos por nos guiarmos pelas reflexões acerca da divisão social do trabalho desenvolvidas por Durkheim (1999, p. 39-105); da cientificidade e racionalização das funções organizacionais presentes em Taylor (2019, p. 24-36); dos aspectos

humanistas inerentes as sociedades normativas descobertos por Mayo (2003, p. 23-50); da compreensão contingencial que Donaldson (2007, p. 104-131) e Bertero (2007, p. 132), Burns e Stalker (1994, p.1-19), bem como Lawrence e Lorsch (1973, p. 27-65) fazem das ações organizacionais e, por fim, das perspectivas metafóricas e simbólicas do trabalho nas organizações percebidas por Morgan (2010, p. 15 - 20).

À vista disso, entendemos que Durkheim (1999, p. 39-105) oferece contribuições a essa discussão que se relacionam bem com nossas ponderações sobre as reuniões mediúnicas. Segundo esse autor, a organização do trabalho pode ser compreendida como um tipo de “solidariedade social”, na medida em que suas partes e funções respectivas formam uma coesão interdependente, a partir das segmentações de tarefas dentro de uma empresa, grupo, comunidade, sociedade etc. Essa reciprocidade de dependência tem como fator de origem, aquilo que o autor denomina de “consciência coletiva”, ou seja:

Um sistema de ideias, sentimentos e hábitos que exprimem em nós [...], o grupo ou os grupos diferentes de que fazemos parte; tais são as crenças religiosas, as crenças e práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais, as opiniões coletivas de toda a espécie. Seu conjunto forma o ser social”. (DURKHEIM, 1999, p. 85).

Essa “solidariedade social” pode ser classificada em dois tipos: a mecânica e a orgânica. Enquanto a primeira possibilita que a consciência individual seja muito semelhante a consciência coletiva, a segunda, por outro lado, permite o amadurecimento da consciência individual promovendo a individualização do trabalho, dos seus significados e sua interdependência. Nesses termos, quanto mais complexo for um grupo, comunidade, organização ou sociedade, maior será a segmentação de suas atividades e o espaço ocupado pela personalidade, sem perder, por evidente, seu aspecto de recíproca dependência presente na divisão do trabalho, transformando a organização em um todo coeso e funcionalmente solidário, pois uma parte depende da outra para que a coletividade funcione harmoniosamente.

Além dessa percepção da “divisão social do trabalho”, entendemos ainda que tais tarefas realizadas nesses encontros mediúnicos, indicam características de reflexões construídas por Taylor (2019, p. 24-36), naquilo que concerne a Organização Racional do Trabalho (ORT); ou seja, na disposição e realização das atividades organizacionais com fundamentação científica, especialmente o aspecto da divisão do trabalho e especialização do operário. Segundo Taylor (2019, p. 24-36), uma organização que intente desenvolver suas atividades e lograr êxitos maiores, deverá lançar mão de uma “Administração Científica”, isto é, uma segmentação de labores e responsabilidades pautadas na cientificidade. Nesse sentido, uma sociedade normativa deve implementar uma gerência (coordenador, gestor, responsável etc.) a partir da qual, o planejamento, o estudo, o treinamento e definição científica do trabalho devem ser pensados, enquanto os trabalhadores devem se encarregar de executar as ações pensadas por essa coordenação. Noutra direção, as relações humanizadas no ambiente de trabalho também podem ser observadas em reuniões mediúnicas, a partir das ponderações realizadas que Mayo (2003, p. 23-50) desenvolveu, destacando a relevância de fatores psicológicos nas organizações.

Assentado nos debates que realizamos acima, é possível observar que os atos de administrar são habitualmente compreendidos como formas de planejamentos e ações que as organizações fazem uso para alcançar determinadas finalidades ou objetivos, lançando mão de recursos humanos e materiais plurais, convergentes e/ou divergentes. Imersos nessa diversidade de modelos teóricos da administração, observamos que os significados da Teoria Contingencial (DONALDSON, 2007, p. 104-131; BERTERO, 2007, p. 132) possibilitam a compreensão reflexiva, híbridas e plástica das múltiplas formas organizacionais, de modo a relacioná-las a inúmeros aspectos sociais, religiosos, filosóficos, econômicos, políticos, geográficos, culturais, psicológicos, entre outros. Burns e Stalker (1994, p. 1-19), por exemplo, entendem que as práticas administrativas devem considerar os ambientes externos, dentro ou a partir dos quais, determinadas organizações estão inseridas ou em associação. Desse modo,

a administração não deve considerar apenas fatores internos ou endógenos. Para Lawrence e Lorsch (1973, p. 27-65), as organizações devem ser percebidas como sistematicamente abertas para inovações de múltiplas ordens, advindas do ambiente imediatamente exterior ou, ainda, de interações mais distantes que devem ser observadas com vistas ao incremento organizacional nas suas diversas dimensões. Isso significa que a Teoria Contingencial formulada procura respeitar e observar todas as demais abordagens e teorizações sobre os campos administrativos, bem como inovações reflexivas sempre presentes e apresentadas, sem legitimar universalismos reflexivos únicos.

Ademais, compreendemos, apoiados nas orientações de Thompson (1995, p. 181-203), que os fenômenos organizacionais podem ser entendidos como fenômenos culturais ou “formas simbólicas”, ou seja, como objetos, ações e expressões significativas contextualizadas, a partir das quais uma rede de significados pode ser construída e ajustada permanentemente. Nesse sentido, a organização pode ser vista como um conjunto micro, médio ou macro cultural e simbólico dentro do qual, racionalidades, semânticas e metáforas podem ser amoedadas e ressignificadas continuamente.

Em associação significativa com as “formas simbólicas” pensadas por Thompson (1995, p. 181-203), compreendemos que são casos exemplares delas o que Morgan (2010, p. 15-20) apresenta como sendo “metáfora”, isto é, figuras de linguagem que esse autor lança mão para compreender determinados fenômenos organizacionais sob perspectivas não *explicitamente deliberadas* pelos arcabouços teóricos administrativos. Conforme o autor enuncia: “Usamos a metáfora sempre que tentamos compreender um elemento da nossa experiência em face ao outro. [...] Muitas das nossas ideias assumidas como certas sobre as organizações são metafóricas, mesmo que não sejam reconhecidas com tal. (MORGAN, 2010, p. 16-17). Nesse sentido, esse autor amálgama as organizações concretas com análises alegóricas que envolvem, por exemplo, mitologia filosófica, máquinas mecânicas, organismo biológicos, cérebros humanos, culturas tradicionais, política institucional, psiquismo freudiano, instrumentos de dominação, entre outras que

usam metáforas para pensar os fenômenos organizacionais de maneira simbólica. (MORGAN, 2010, p. 15-20).

Sobra-nos apresentar nesse debate que circunscreveu reflexões pertinentes a divisão do trabalho e a características de teorias organizacionais, discutir teoricamente a abordagem metodológica que fizemos uso: a etnografia. O fazer etnográfico corresponde a um método de pesquisa a partir do qual o investigador deve se empenhar, deliberadamente, para lançar mão de um “desprendimento” sociocultural empírico, objetivo e subjetivo, com a intenção de mais bem se relacionar com o “outro”, com o grupo humano anteposto para estudo. Esse exercício contínuo de “aculturação invertida” procura desenvolver no pesquisador um senso de natividade, que pode levá-lo a amadurecer em si mesmo, sentimentos e percepções próprias daqueles indivíduos que escolheu para estudar (BEAUD, WEBER, 2007, p. 93-151). Ao se propor afastar-se de suas convicções e práticas culturais e enlaçar-se abertamente aos modos de pensar, sentir e fazer do “outro”, o pesquisador abre portas investigativas para mais bem coletar informações e, por efeito, compreender melhor a realidade estudada. Conforme Clifford (2008, p. 20) sintetiza:

O trabalho de campo etnográfico permanece como um método notadamente sensível. A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos como intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e frequentemente um ‘desarranjo’ das expectativas pessoais e culturais” (CLIFFORD, 2008, p. 20).

Em perspectiva complementar a essa, Malinowski (2018, p. 55-84) explica que, uma vez em campo, realizando a etnografia, o pesquisador deve utilizar, entre outras possibilidades de coleta de informações, uma técnica que ele denominou de “observação participante”. Trata-se de apreciar atentamente os eventos “nativos” com os olhos e ouvidos e, ao mesmo tempo, interagir densamente com as pessoas investigadas, naquilo que elas estão a fazer: produzindo objetos, conversando, vendendo produtos, pescando, almoçando, entonando canções, dialogando com espíritos, realizando performances, entre

tanto outros acontecimentos a depender da realidade estudada. Essa técnica de coleta de dados, segundo o autor, consegue captar e registrar àqueles fatos denominados por ele de “imponderáveis da vida social”, isto é, são fenômenos, sobretudo, que só podem ser apreciados pela visão e/ou audição. Ademais, a “observação participante” possibilita uma aproximação maior do pesquisador com as pessoas investigadas, por se propor a se relacionar com os indivíduos intensamente, no seu cotidiano organizacional, no seu dia a dia de trabalho, em suas peijas diárias enfim, e, por consequência, melhor compreender suas realidades socioculturais na sua totalidade:

Geertz (1989, p. 3-24), por seu lado, pondera sobre a densidade de significados culturais que o pesquisador encontra em seu campo empírico de análise e que, inapelavelmente, revela-se importante para a produção etnográfica. Para esse autor, o arcabouço cultural de um grupo social, de uma comunidade, de uma organização ou, ainda, da sociedade em geral, corresponde a uma trama de sociabilidade a partir da qual, significados são construídos de maneira a explicar, situacionalmente, os fatos que se pretende investigar. Contudo, esses significados produzidos pelas pessoas em interação, em determinado lugar ou sociedade normativa, não são óbvios, claros ou evidentes. É preciso que o pesquisador desvele esses significados não somente por meio de uma coleção instrumental de técnicas de coleta de dados presentes nos manuais de pesquisa social. É preciso mais! Com efeito, as tramas de significados ocultos nas relações sociais são descobertas, evidenciadas e analisadas pelo pesquisador, imerso no campo e produzindo etnografia, lançando mão do que Geertz (1989, p. 4-7) mencionou ser a cultura e a “descrição densa”: “A etnografia é uma descrição densa (e) o que o etnógrafo enfrenta, de fato, [...] é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, [...] e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar.” (GEERTZ, 1989, p. 4-7).

3. Metodologia: o percurso do trabalho em campo

3.1 A coleta de dados

Sublinhamos que a pesquisa de campo que realizamos teve uma abordagem qualitativa, etnográfica e que os dados primários foram coletados entre os meses de julho e dezembro de 2019. Além de utilizarmos o método etnográfico com observação participante, realizamos anotações em dois diários de campo, capturas de imagens e registro de 12 entrevistas que totalizaram 336min17seg ou 5:59h de gravação. O critério de escolha das pessoas que foram entrevistadas foi, especialmente, qualitativo e determinado, ou seja, procuramos conversar com os espíritas do lugar que melhor conheciam a organização administrativa do pautado Centro, como também compreendesse com certa profundidade a Doutrina a qual se identificam e fazem parte.

Importa notar que os entendimentos apresentados pelos entrevistados e referentes aos fenômenos estudados (divisão do trabalho em reuniões mediúnicas e administração do corpo), foram compreendidos por nós enquanto uma reunião de percepções, reflexões e interpretações assemelhadas entre si e organizadas unilateralmente, constituindo um conjunto analítico mais ou menos homogêneo, que diz respeito aos fenômenos sublinhados nesta pesquisa e que, com efeito, estruturam o que Weber (2001, p. 3-35) denominou de “tipo ideal”.

3.2 Uma etnografia do Centro Espírita Lar dos Humildes - CELH

A Casa Espírita Lar dos Humildes existe há 31 anos e está situada na rua Cônego de Castro, Nº 956, no bairro Parangaba, em Fortaleza – Ceará. Sua organização teve seus primórdios no início da década de 1990 e foi erguida em um terreno no qual residia a sua pioneira, a saudosa senhora Angélica Rizzato Marineli, que em virtude de sua saúde debilitada, de sua avançada idade e consequentes limites físicos para prosseguir comparecendo a um centro espírita em bairro próximo ao seu, decidiu fundar no terreno e casa em que morava, uma organização espírita. Além disso, o conjunto de espíritas que contribuiu com a fundação do Lar dos Humildes, desenvolveu inúmeras reuniões nos anos iniciais daquela década, especialmente 1992 e 1993, para planejar, dialogar, mentalizar e edificar uma casa espírita nesse lugar. O término dessas reuniões de idealização,

mentalização e concepção do Centro Espírita Lar dos Humildes, decorreu-se formalmente em 1994.

As ações espirituais, sociais, educativas e organizacionais que o CELH realiza, cooperam, eminentemente, com o abrandecimento ou mesmo resoluções, de múltiplos problemas que indivíduos lhes evidenciam nas inúmeras situações nas quais as atividades casa espírita são desenvolvidas. Essas atividades contemplam o tempo disponível e o rigor dedicatório de aproximadamente 100 trabalhadores voluntários, que são distribuídos nas seguintes tarefas humanistas: 1) Ciclo de palestras temáticas; 2) Comunicações públicas sobre o evangelho de Jesus; 3) Ensino evangélico para adultos, jovens e crianças; 4) Evangelização da família; 5) Ensino de canto e violão; 6) Atendimento fraterno e espiritual; 7) Reuniões mediúnicas fechadas; 8) Cursos sobre a Doutrina Espírita – EPE, ESDE, EADE e Evangelho Rede Vivo, etc ; 9) Formação teórica e prática de passistas; 10) Empregar passes mediúnicos; 11) Formação de médiuns e controle da mediunidade; 12) Doação de alimentos (sopa), vestuário, remédios e produtos de higiene à pessoas necessitadas; 13) Empréstimo de livros espíritas; 14) entre outras atividades.

O tamanho integral do terreno no qual estar o Centro Espírita Lar dos Humildes – CELH é próximo de 720 metros quadrados. No seu âmago há uma pequena e singela casa na cor branca, com ares familiar e camponês, segmentada em 5 aposentos (abrangendo o banheiro), na qual habitou a fundadora desse centro espírita, dona Angélica Rizzato Marineli. Nessa “casinha”, desenvolve-se o grupo de evangelização familiar, algumas sessões mediúnicas, cursos diversos sobre a doutrina espírita e a produção da sopa a ser doada a pessoas em situação de rua. Nas cercanias da “casinha”, existe uma grande área natural com enormes árvores sobreiras e chão de areia, na qual se organizam encontros específicos para estudo em grupo, atendimento fraterno e espiritual, celebrações comunitárias benfeitoras, além de ser aproveitado, ludicamente, pelas crianças e adolescentes para brincadeiras e prosas. Ao final do terreno, desse chão de areia, indo para o lado oeste, depara-se com uma sala isolada do lado direito do terreno, na qual

são realizadas reuniões pontuais e seções dos grupos de estudo como o EADE e outros mais, a depender do dia e do horário.

Na dianteira dessa isolada sala, caminhando para o lado sul, existe um portão que dá acesso a um amplo espaço de reuniões, o maior que há no CELH: o salão. Em seu interior realizam-se inúmeras atividades, entre as quais podemos citar: as conferências públicas temáticas ou relativas ao evangelho; as exposições de filmes; o bazar de roupas e objetos para arrecadar recursos; apresentação do coral; aplicação de passes mediúnicos coletivos; entre outras atividades.

Nos arredores desse grande salão há 9 recintos com dimensões distintas e que são utilizados como: 1) uma pequena livraria, 2) sala de estudos espíritas, 3) sala de costuras de roupas a serem doadas, 4) sala dos diretores do CELH, 5) banheiros masculinos e femininos, 6) cozinha, 7) sala de aplicação de passe individuais e de pequenos grupos, 8) sala de controle dos equipamentos áudio visuais e 9) sala de ensaio do coral (que também funciona como sala de estudos). Adiante desse salão, caminhando para o leste, encontra-se o estacionamento com capacidade para guardar 10 automóveis e a entrada da CELH. No segundo piso, há três outros ambientes que são utilizados para realização de cursos, estudos em grupo e sessões mediúnicas.

3.3 Etnografia do trabalho em reuniões mediúnicas.

Ao observar o Centro Espírita Lar dos Humildes sob a luz reflexiva de Durkheim (1999, p. 39-105), entendemos que a pluralidade semântica que lhe é inerente é vinculada a uma divisão do trabalho interdependente e coesa em suas funções e obrigações, colaborando, por isso, com a construção de uma totalidade organizacional solidária.

À vista disso, optamos por analisar a organização do trabalho em suas reuniões mediúnicas. Esses micros concílios organizacionais tem como propósito fundamental oferecer conselhos renovadores de esperança a espíritos desencarnados que, por múltiplas causas, não conseguem tranquilidade no plano espiritual e entram nessas reuniões mediúnicas, propositalmente ou não, e nelas

são amparados. Essas reuniões não devem ser públicas em virtude de recomendações da Federação Espírita Brasileira, segundo as quais, esses encontros mediúnicos devem ocorrer privadamente, com as portas trancadas, evitando a entrada de integrantes atrasados ou indivíduos alheios a atividade (MOURA, 2014, p. 9-70). Ademias, encontros com esses aspectos precisam que os integrantes tenham um preparativo espiritual, emocional e mental preliminar, antes do início das sessões. Segundo um trabalhador do CELH, Raimundo Mota Dias (conhecido como Neto): “Essas reuniões precisam ter uma concentração dos médiuns para que tenha uma efetividade boa na realização das atividades. E quando tem pessoas de fora podem causar dificuldades, [...] e acaba encontrando ali um campo aberto para os espíritos mistificadores”. (Entrevista com Dias, 04/12/2019).

Na Casa Espírita Lar dos Humildes há 6 sessões mediúnicas por semana, todas elas fechadas ao público, que são compartilhadas nos dias e horários destacados: 1 Domingo - 2 reuniões distintas e no mesmo horário, das 07:30h às 9h; 2 Segunda-feira - 2 reuniões distintas e no mesmo horário das 19:30h às 21h; 3 Quarta-feira - 2 reuniões distintas e no mesmo horário das 07:30h às 21h.

Os espaços nos quais se realizam esses encontros, são salas simples, climatizadas, com mesa longa ou, então, um conjunto sequencial de mesas de plásticos ao centro e cadeiras no seu entorno, para que os médiuns possam se sentar e ficar bem acomodados. Sobre as mesas há folhas de papel A4 em branco e inúmeros lápis na cor grafite e coloridos, para que os médiuns, quando em trabalho, possam escrever cartas, elaborar pinturas ou desenhos psicografados. Existe ainda em cima da mesa, uma jarra de água potável que é fluidificada ao logo da reunião, por espíritos moralizantes que se fazem presente durante o encontro. Ao final, essa água é bebida por todos os integrantes da sessão por meio de pequenos copos brancos de plástico descartáveis.

Nos encontros mediúnicos em que estivemos presentes, há uma pequena diferença numérica entre os participantes. Há aquele em que contamos 6 médiuns (5 mulheres e 1 homem) e 4 dialogadores (2 mulheres e 2 homens) e

existem outras reuniões em que somamos existiam 7 médiuns (5 mulheres e 2 homens) e 8 dialogadores (6 mulheres e 2 homens). Todavia, é salutar informar que esses números podem variar entre as sessões, a depender de ausências pontuais ou regulares de integrantes nas mesas mediúnicas. Nessas reuniões, um dos dialogares também ocupava a função de coordenador da sessão mediúnica, podendo ser homem ou mulher. Com base nas reuniões mediúnicas que participamos podemos afirmar de maneira classificatória, que elas possuem uma linha estrutural que as segmentam em 5 partes constituintes que nomeamos da seguinte maneira: *A- Sintonia Inicial; B - Diálogo Evangélico; C - Assistência Espiritual; D - Troca de Experiências; E - Epílogo.*

A – A Sintonia Inicial: diz respeito a parte inicial da reunião mediúnica na qual todas as pessoas permanecem sentadas em volta da mesa ou conjunto de mesas, sendo que os médiuns se sentam mais próximo do citado móvel e os dialogadores se localizam mais atrás. Uma pessoa (coordenador ou coordenadora da sessão) realiza uma oração/prece e em seguidas todos entoam canções espiritualistas nas quais estão presentes mensagens do bem ensinados e exemplificados por Jesus que, em resumo, afirma a generosidade desinteressada. Esse momento é especialmente apropriado para que os bons pensamentos entre em sintonia e harmonizem espiritualmente o ambiente. Essa parte tem uma duração próxima a 5 minutos.

B – O Diálogo Evangélico: nessa ocasião é realizada uma leitura de partes do livro codificado por Allan Kardec intitulado “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, bem como de outras obras selecionadas pelos participantes, nas quais o conteúdo apresentado por um dos integrantes, remete a ensinamentos da doutrina espírita. Na sequência ou simultaneamente a leitura, são realizados diálogos evangélicos a partir dos quais, os integrantes da sessão mediúnica aprendem e ensinam, reciprocamente, com base nos textos versados e em experiências e vivência especiais, compartilhadas entre todos os presentes. Esse momento aprofunda a harmonização afetiva, espiritual e mental, iniciada na

primeira parte e prepara aquele campo terreno para assistência espiritual que se avizinha. A duração dessa parcela da sessão é de aproximadamente 25 minutos.

C – A Assistência Espiritual: nesse terceiro momento, um integrante é encarregado de fechar as portas e janelas da sala na qual a sessão é realizada, para que pessoas estranhas ao grupo entrem, desavisada e inesperadamente, e desequilibrem o ambiente. Na sequência, a iluminação é desligada e a nossa visão, anteriormente clara e precisa, converte-se em imagem turvas. Músicas espiritualistas são cantadas por todos, acompanhadas ou não por um violão e, ao mesmo tempo, por uma prece.

Não demora e os médiuns, sentados à mesa, principiam a mediunização: seus corpos começam a ficar amolecidos, as vozes são entoadas com timbres incomuns e os espíritos iniciam as comunicações por intermédio deles e são prontamente assistidos pelos dialogadores que, também são médiuns passistas. Com efeito, para cada espírito em comunicação através de um médium, há uma pessoa conversando com ele, ao seu lado e em pé. Atrás ou do outro lado médium, também em pé, há um segundo dialogador aplicando passes magnéticos no médium.

Os temas e problemas narrados pelos espíritos tem natureza bastante diversa, abordam assuntos como alcoolismo, suicídio, desespero porque desencarnou, desejo de vingança, não reconhecem que seus corpos pereceram e estão mortos; alguns vem apenas para brincar ou zombar e há também espíritos mais elevados que trazem algum conselho moral ou mensagem para um parente encarnado, entre outros. Às vezes, um ou outro espírito se apresenta mais inquieto, nervoso, raivoso, e a pessoa que coordena a sessão mediúnica realiza uma prece em alta voz, acompanhada por uma ligeira suspensão das conversas espirituais, com o propósito de acalmar aquele se mostra hostil.

Percebemos que as conversas desenvolvidas pelos dialogadores, bem como seus passes magnéticos e as preces realizadas, intentam e logram sucesso no propósito de conscientizar, aconselhar e aquietar aqueles espíritos que vem à

reunião com alguma angústia. Essa parte da reunião é a mais demorada e se alonga por aproximadamente 50 minutos.

D – A Troca de Experiências: nessa parte da reunião, espíritos desencarnados, dialogadores e médiuns não se expõem mais em sintonia com o propósito de implementar comunicações espirituais. Os médiuns já estão cabalmente conscientes e os dialogadores voltam aos seus assentos iniciais. Na sequência, há o compartilhamento de água fluidificada em pequenos copos plásticos recicláveis e se principia um diálogo entre os participantes, referente aos temas que foram apresentados pelos espíritos, aos textos, desenhos e pinturas psicografados, bem como sobre a experiência integral na sessão mediúnica. Essas trocas de vivências e perspectivas entre os integrantes, concedem oportunidade aos participantes de aprender e ensinar uns com os outros e, por conseguinte, aperfeiçoarem-se na labuta, no conhecimento da doutrina espírita e na moralidade. Esse momento da reunião tem uma duração próxima a 10 minutos.

E – O Epílogo: o término da reunião é constituído por uma prece realizada por um dos integrantes da sessão mediúnica, os participantes se despedem com palavras e abraços recíprocos e é concluída a reunião mediúnica.

Percebemos que as reflexões de Durkheim (1999, p. 39-105) concernentes a “solidariedade social”, especialmente a de caráter “orgânica”, abordadas acima, são claramente identificadas nas sessões mediúnicas sublinhadas. Isso decorre da compreensão que construímos dessas reuniões enquanto uma totalidade em si mesma, um micro concílio dentro do CELH que, internamente, é formada por cinco segmentos de trabalho individualizados e reciprocamente complementares, que renovamos saber: A) a Sintonia Inicial; B) o Diálogo Evangélico; C) a Assistência aos Espíritos; D) a Troca de Experiências e E) o Epílogo. As funcionalidades e objetivos específicos dessas cinco atividades, ao se interligarem ao longo de mais ou menos 1 hora e 30 minutos, edificam uma totalidade sociocultural e espiritual peculiar, que as evidenciam organizacionalmente como uma espécie de “solidariedade orgânica” pertencente a uma sociedade normativa mais ampla: o Centro Espírita Lar dos Humildes.

Quando analisamos as mesas mediúnicas do CELH, verificamos que os seus coordenadores (as) tem uma função organizacional, pois essas pessoas são aquelas que estudam, planejam e organizam racionalmente a distribuição dos trabalhos nas mesas mediúnicas. Com efeito, médiuns, passistas e dialogadores, com suas atribuições específicas e sem adentrar, habitualmente, um no labor do outro, realizam suas respectivas ações sob a gerência de um coordenador. Enquanto os médiuns são envoltos por espíritos desencarnados em suas dimensões corporais, cognitivas e linguísticas, enunciando comunicações advindas do plano espiritual, os dialogadores permanecem a seu lado conversando com a “entidade”, objetivando compreender suas demandas aflitivas e emitir conselhos e orientações consoladores. Ao mesmo tempo, outras pessoas, os passistas, postam-se atrás dos médiuns ou ao seu lado, aplicando-lhes passes magnéticos. Nesse momento da sessão mediúnica, as tarefas dos coordenadores das mesas assumem papéis de dialogadores e, caso seja necessário, de passistas também. Com efeito, os coordenadores das sublinhadas reuniões mediúnicas seguem normas racionais de estudos, treinamentos, planejamento e execução de tarefas, mas eles podem assumir labores híbridos e atuarem como dialogadores ou passistas ao longo dessas sessões. Decorre disso que a divisão e especialização do trabalho no CELH, notadamente nas reuniões mediúnicas, não são plenamente exatas.

Além dessa racionalização híbrida do trabalho, identificamos que no Centro Espírita Lar dos Humildes, de maneira geral, e em suas reuniões mediúnicas, de forma específica, a mútua colaboração ocorre com fundamentos habitualmente informais, afetivos e, sobretudo, psicológicos, nos termos em que Mayo (2003, p. 23-50) estudou na denominada “Experiência de Hawthorne”. Nesse sentido, a divisão do trabalho nesse centro da doutrina espírita é enlaçada por interesses de afeto altruístas, a partir dos quais são formadas redes de atividades em inúmeros setores dessa organização, tais como nos grupos de estudo e música, confecção de alimentos para doação, atendimento público fraternos, individual ou coletivo, entre outros, nos quais a diversão, a orientação,

a flexibilização de funções, a lealdade, a amizade, a ausência objetiva de pressão e, sobretudo, a construção de equipes informais de trabalho, caracterizam as atividades humanizadas desse lugar.

De maneira mais pontual, observamos que nas reuniões mediúnicas esse aspecto da humanização das relações de trabalho é muito efetivo também. Em sua organização, médiuns, passistas e coordenadores, amoldam fundamentos relacionais a partir dos quais o objetivo de ajudar o espírito desencarnado é prioridade. Para tanto, há uma confluência de ações, palavras, leituras, cantos, diálogos que enlaçados entre si, ao longo de aproximadamente 1 hora e meia, tentam confortar primeiramente as entidades espirituais que se apresentam nas sublinhadas reuniões e, em seguida (ou simultaneamente), os participantes das sessões mediúnicas. Nesses termos, os significados culturais que envolvem os trabalhos que as equipes lançam mão nessas reuniões, constituem um híbrido de racionalidade, afetos e altruísmo, enleados por lealdade recíproca uns aos outros.

Desse modo, o CELH se apresenta e é percebido pelos seus membros, participantes e frequentadores, como uma organização social, sem finalidade lucrativa, dentro da qual as relações formais se confundem com a informalidade das funções, sempre com o propósito de construir relações espíritas e humanistas entre aqueles envolvidos em suas atividades

4. O corpo como uma organização simbólica na Doutrina Espiritismo

Compreendemos que na Doutrina Espírita o *corpo humano* pode ser entendido como uma forma simbólica de organização que requer do espírito que o habita (a alma), uma administração de recursos materiais, humanos, morais e intelectuais que o auxilia a alcançar determinados objetivos que, para o espiritismo, corresponde a pureza espiritual e a contínua e infinita aplicação da caridade desinteressada, seja essa caridade empregada no plano terreno, no plano celestial ou, ainda, nas fronteiras e intercursos entre esses dois planos. (KARDEC, 2009c, p. 117-121).

Nesses termos, o corpo físico é entendido por nós, a partir dos enunciados da Doutrina Espírita, como um tipo simbólico de organização alocada por Deus (“Inteligência suprema e causa primeira de todas as coisas”) ao espírito (“princípio inteligente do universo”), para que esse último tenha oportunidade de começar ou reiniciar (reencarnar) no plano da existência humana na terra, seu aperfeiçoamento intelectual e moral mediante os inúmeros processos de provas, expiações, aprendizagem, vivências e da caridade isenta de interesse.

Ademais, ao longo das múltiplas encarnações, o espírito encarnado na organização biológico-corporal, deve enfrentar inúmeras provas e saldar dívidas passadas, adquiridas em outras vidas. Esse percurso dialético quase inacabado de nascer, desencarnar e renascer, deve ser realizado até que o espírito não tenha mais necessidade de se aprimorar moral e intelectualmente. Nessa ocasião em que o espírito adquire a qualidade de pureza espiritual, um retorno seu a existência terrena, apenas acontecerá caso ele requeira ou, então, seja-lhe oportunizada uma missão a ser desenvolvida como ser humano corpóreo, encarnado. Nesse contexto de reencarnações sucessivas, o corpo humano deve ser bem administrado em três grandes esferas, a saber: a orgânica, a intelectual e a moral.

A *administração orgânica do corpo* deve contemplar os cuidados com a alimentação e exercícios físicos, observando sempre as fronteiras que separam o razoável e responsável, daquilo que é exagero e irresponsável. Nesse sentido, a ingerência alimentar pode ocasionar danos sérios a organização corporal, transformando-a em um conjunto instrumental de trabalhos terrenos danificado e limitado, prejudicando, conseqüentemente, o curso apropriado e coerente que foi planejado celestialmente para o corpo, antes do espírito (alma) encarnar, com vista ao seu aperfeiçoamento moral e intelectual na escola terrena. Essa interseção de condutas administrativamente inconseqüentes com relação ao corpo, isto é, as mal-acabadas gestões com alimentação e práticas físicas, poderá ocasionar limitações de funções orgânicas do corpo e, quiçá, abreviar sua existência biológica. Em ambos os casos, os objetivos do espírito (que são o aprimoramento

moral e intelectual) estarão comprometidos em virtudes da gerência irregular do corpo humano, entendido como uma organização. De forma contrária, na medida em que a organização corporal é bem gerenciada pelo espírito que nela habita, seja no âmbito alimentar e físico, as finalidades espirituais nesse campo seriam alcançadas.

A administração moral através do corpo requer um redirecionamento deliberado do espírito no sentido de experimentar, na prática e/ou reflexivamente, as diferenças e diversidades culturais. Perante o “diverso” (pessoa, grupo social, comunidade ou sociedade) o espírito encarnado, lançando mão da sua organização corporal, procura migrar sua sensibilidade, afeição e fraternidade e se colocar no lugar do “outro”, desenvolvendo um sentimento de empatia assim como uma moralidade do bem que, segundo o espiritismo, compreende o ser humano como um conjunto de indivíduos que, por sua vez, devem auxiliarem-se mutual e fraternalmente. Nesses termos, a organização corporal é instrumentalizada pelo espírito encarnado, a fim de que este possa se aprimorar moralmente em suas inúmeras relações com o “outro diverso”.

A administração intelectual através do corpo é realizada, sobretudo, por meio de dois campos da existência terrena: a educação e a experiência. Através da educação ampla e especializada (que se inicia no grupo familiar e amigos e é alargada para escolas, universidades e vida cotidiana) o espírito absorve variadas informações e reflete sobre elas no curso de sua passagem pela terra, elevando-se nesse sentido intelectual e instrumental. Contribuição semelhante tem o espírito quando realiza as interações sociais ao longo de sua vida. Nesse contexto, a organização corporal é instrumentalizada para que o “princípio inteligente” denominado de espírito, possa avançar do estágio inicial da ignorância e desinformação, para um estágio avançado de conhecimento celestial, através de inúmeras encarnações. (KARDEC, 2010a, 23-69)

À vista disso, os corpos humanos animados em múltiplas épocas, regiões e encarnações terrenas, possibilitam a um só espírito utilizar como formas organizacionais, a partir das quais, a moralidade e a intelectualidade são

sucessivamente incrementadas e aprimoradas para que o espírito, em si mesmo, alcance um estado de pureza celestial.

Observamos nas entrevistas que coletamos no Centro Espírita Lar dos Humildes (CELH), que a compreensão que seus membros possuem do corpo humano, pode, simbolicamente, aproximar-se do entendimento que temos do mesmo, enquanto uma organização que é gerenciada por um espírito com finalidades específicas: evolução moral, intelectual e, principalmente, espiritual.

Cada reencarnação é uma etapa evolutiva e esse corpo é um empréstimo que nós ainda não temos a noção da grandeza que ele nos proporciona. Então ele merece todo o nosso respeito [...] durante toda a nossa trajetória na terra. Porque é um veículo que nos proporciona o progresso (Entrevista com Alcides L. Ferreira, 19 novembro 2019).

O corpo deve ser tratado como um santuário. Santuário no sentido de que o corpo físico nos proporciona o desenvolvimento do espírito. O corpo físico é um instrumento de elevação do espírito. A alimentação que você ingere, a prática de esporte [...] eu acho muito importante porque a medida que a gente tem o corpo, que eu entendo como sendo esse instrumento de elevação do espírito, a gente precisa cuidar dele muito bem [...] porque é a morada do espírito durante algum tempo e se essa morada está desestruturada, totalmente desorganizada, desarrumada, não é um bom ambiente para o espírito. (Entrevista com R. M. Dias.05 novembro, 2019).

O corpo físico é uma manifestação do que carregamos no espírito, quando estamos em carne. Então, assim como nós devemos ter cuidado com o espírito, também devemos ter cuidado com o corpo. A doutrina compõe o ser individual em três partes: espírito, perispírito e o corpo. Então, o corpo fazendo parte da individualidade do ser, ele tem que zelar por um instrumento de trabalho que hoje em vida eu tenho e que foi fornecido [...] para o aprendizado do espírito. (Entrevista com Alexandre da V. Matono, 10 novembro, 2019).

À vista disso, as reflexões apresentadas acima pelos membros do CELH, são por nós apreendidas como representações simbólicas de uma organização denominada metaforicamente de corpo humano, entendida por aqueles espíritas como “instrumento de trabalho” que tem como objetivo, oferecer o aprimoramento moral e intelectual ao espírito que nele habita. Todavia, a

depende dos modos com os quais os indivíduos fazem uso dessa organização corporal, o seu objetivo (evolução espiritual) pode não ser alcançado.

A prudente administração orgânica do corpo biológico, o êxito gerencial e aprimoramento de uma moralidade voltada para o bem fraternal desinteressado, bem como o incremento intelectual e uso socialmente benéfico do conhecimento adquirido pelo espírito, orientará o tipo e a intensidade do desligamento entre o espírito e o corpo, isto é, poderá se dar de maneira mais lenta ou mais rápida, com mais ou menos espanto. Conforme indica Kardec (2010b, p. 163): “[...] no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente:[...] ele se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável, conforme os indivíduos. Em uns é bastante rápido [...] em outros, o desprendimento é muito lento.” (KARDEC, 2010b, p. 163). No que concerne o período da separação entre a organização corporal e espírito, alguns espíritas do CELH nos relataram as seguintes ponderações:

O tipo de desprendimento vai depender do grau de evolução de cada espírito. Se você tiver conhecimento suficiente, esse processo além de ser rápido, será menos doloroso. Quanto mais apego você tem as coisas materiais [...] esse desprendimento pode levar semanas, meses e até anos. (Entrevista com Ant. Jonathan Andrade, 10 novembro, 2019).

Há uma variação muito grande. [...] É a compreensão ou o grau de afinidade que cada um tem ou não da matéria. [...] Se você é uma pessoa estritamente materialista, que não acredita no espírito, que não acredita em nada além da matéria, mais o desligamento demora [...]. Mas quanto mais espiritualizado você for [...] menos você vai sentir necessidade de estar ligado aquilo que não vai mais funcionar pra você. (Entrevista com Marcos Vinicius do N. Castro, 22 novembro 2019).

Os depoimentos acima consolidam nossa percepção de que o corpo humano pode ser, como orienta Morgan (2010, p. 15-20) uma organização simbólica e biologicamente constituída, habitada por um espírito que a utiliza dentro de um determinado período de tempo. Como empresa, o corpo humano vivo, “morada e instrumento” do espírito, deve ser utilizado no sentido de conduzir uma autogestão benéfica e administração contingencial solidária que

circunscreva, recíproca e simultaneamente, os campos da moralidade, do conhecimento e da espiritualidade, sempre com o propósito de aprimorar a si mesmo e aqueles que, direta ou indiretamente, estão no seu entorno.

Considerações Finais

Nesta pesquisa optamos por enfatizar os fenômenos da divisão do trabalho em reuniões mediúnicas e a administração do corpo biológico pelo espírito encarnado, enquanto uma organização simbólica e metafórica pensada, em virtude da teoria organizacional nos apresentar essa importante possibilidade de reflexão, especialmente por meio das propostas analíticas de Burns e Stalker (1994, p.1-19), e Morgan (2010, p. 15-20). Isso nos levou a compreender que as organizações podem ser percebidas como centros espíritas, reuniões mediúnicas e corpos biológicos simbolicamente organizacionais (THOMPSON, 1995, p.181-2003) e serem observadas como uma figura, uma metáfora, um sistema de símbolos e significados.

À vista disso, entendemos que reuniões mediúnicas do CELH organizam e mantêm uma divisão do trabalho que, mesmo apresentando uma segmentação de atividades ou “solidariedade orgânica” (DURKHEIM, 1999, p. 39-105) bem definida, esse parcelamento de funções é aberto e heterodoxo, pois os seus participantes podem assumir funções diversas daquelas que eles habitualmente desempenham, a depender das circunstâncias endógenas exógenas ao ambiente no qual a sessão mediúnica é realizada. Noutro prisma, observamos outrossim, que o corpo biológico é compreendido pelos espíritas como sendo um tipo específico de “casa” ou “morada” do espírito encarnado, por meio do qual ele deve procurar se aprimorar intelectual e moralmente, haja vista que esses dois aprimoramentos conduzem a uma evolução espiritual. Portanto, o corpo biológico funciona para o espírito como uma organização metaforicamente constituída, que ele deve administrar regular e ordeiramente, para nutrir os campos amplos da moralidade, da alimentação, dos exercícios físicos e conhecimento, sempre utilizando a apropriação e o aprimoramento que essas

áreas possibilitam, para se autogerenciar para o bem e contribuir, desinteressadamente, para o esmero moral, intelectual e corporal do “outro”, do “próximo”, da humanidade.

Referências

- BEAUD, S.; WEBER, F. *Guia para pesquisa de campo. Produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis-RJ: Vozes: 2007
- BERTERO, C. O. Teoria da contingência estrutural. In: Clegg, S. R. et al. (orgs.) *Handbook de estudos organizacionais. Modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais*. São Paulo: Atlas; 2007.
- BURNS, T.; STALKER, G. M. *The management of innovation*. Publisher: Oxford University Press: 1994
- CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- CLEGG, R. S.; HARDY, C.; NORD, W. R. *Handbook de estudos organizacionais. Modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais*. São Paulo: Atlas, 2007.
- DONALDSON, L. (2007) Teoria da contingência estrutural. In: Clegg, S. R. et al. (org) *Handbook de estudos organizacionais. Modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais*. São Paulo: Atlas, 2007.
- DURKHEIM, E. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora LCT, 1989.
- KARDEC, A. *A gênese*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009a
- _____, *O céu e o inferno*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009c
- _____, *O livro dos espíritos*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010a
- _____, *O evangelho segundo o espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2010b
- HODGE, B. J. ANTHONY, W., GALES, L. *Organization theory*. Rio de Janeiro Prentice Hall, 1996.
- HALL, R. H. *Organizacionais, estruturas, processos e resultados*. São Paulo: Pearson, 2004.
- LAWRENCE, P. R.; LORSCH, J. W. *As empresas e o ambiente: diferenciação e integração administrativa*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1973.
- MALINOWSKI, B. *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- MAYO, E. *The human problems of an industrial civilization*. London and New York: Routledge, 2003.
- MOURA, M. A. *Mediunidade: estudo e prática*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2014.
- MORGAN, G. *Imagens da organização*. São Paulo: Atlas, 2010.
- ROBBINS, S. P. *A nova administração*. São Paulo: Saraiva, 2010.
- ROCHA, C. *Estudos sistematizados da doutrina espírita. Programa fundamental. Tomo I*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2009.
- TAYLOR, F. *Princípios da administração*. São Paulo: LTC, 2019.

THOMPSON, J.B. *Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

WEBER, M. (2001) *Metodologia das ciências sociais. Parte I*. São Paulo: Ed UNICAMP, 2001.

Recebido em 31-05-2023.

Aprovado em 11-07-2023.